



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

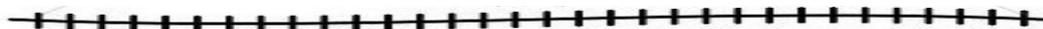
GRUPO DE MOVIMENTO: CONCEITUAÇÃO, ESTADO DA ARTE E APLICAÇÃO NA ÁREA EDUCACIONAL¹

Tânia Alves Nogueira
Paulo Albertini

RESUMO

Pretende-se apresentar as questões levantadas e discutidas na dissertação “Grupo de Movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional”. Trata-se de uma pesquisa teórica, cujo objetivo foi mapear e analisar as publicações existentes acerca do Grupo de Movimento. Realizamos uma revisão de literatura, abrangendo dissertações, monografias, artigos e resumos. A partir da análise de 26 estudos publicados sobre o tema encontramos contribuições positivas para área social, educacional e psiquiátrica, mas também a necessidade de pesquisas que ampliem a discussão teórica e metodológica acerca dessa intervenção oriunda da abordagem reichiana e neorreichiana.

Palavras-chave: Abordagem corporal. Educação. Grupo de Movimento, Wilhelm Reich.



Introdução

O final da década de 1960 e início dos anos 1970 foram marcados por fortes repercussões políticas e sociais. O movimento da contracultura, cujo lema central era a liberdade de expressão, influenciava os mais diversos campos de conhecimento. Na área de saúde mental, a antipsiquiatria ganhou força pregando o fim dos manicômios e uma nova forma de olhar os pacientes com diagnósticos psiquiátricos.

As “técnicas de potencial humano” que tinham como foco o corpo, enfatizando as formas de trabalhos não verbais, resgatando a integração mente e corpo, ganharam espaço e influenciaram muitos modelos de intervenções terapêuticas grupais (Saidon, 1983). Dentro desse contexto, as ideias de Wilhelm Reich (1897-1957) são fomentadas respaldando a busca de expressão, liberdade e prazer.

¹ Este artigo é o resumo da dissertação de mestrado intitulada “Grupo de Movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional”, defendida em 08.12.2010 pelo primeiro autor e orientada pelo segundo no Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – Instituto de Psicologia da USP.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

No Brasil, a efervescência desse momento fez surgir o que hoje conhecemos no Brasil como Grupo de Movimento², teoricamente sustentado pelas abordagens corporais reichianas e neorreichianas, bem como da dança, que com seu arcabouço técnico, vislumbravam a consciência corporal capaz de desenvolver o autoconhecimento, levando em consideração os aspectos emocionais e psíquicos presentes no corpo.

Em termos de objetivos, Gama e Rego consideram:

O objetivo é levar o participante a um processo de sensibilização e conscientização corporal, de modo a melhorar sua percepção de si mesmo, buscando literalmente conscientizar o inconsciente. Queremos trazer à tona o material recalcado, tirá-lo da toca de seus esconderijos corporais. Além disso, buscamos recuperar a vitalidade e o bem-estar, resgatando a capacidade de expressão através da desinibição, do aumento da assertividade e do desbloqueio emocional. (1996, p. 18)

Os pioneiros que desenvolverem as práticas grupais no Brasil sob o prisma reichiano foram o médico psiquiatra José Ângelo Gaiarsa (1920-2010), que denominou seu trabalho como “Grupo sem Palavras”, e o psiquiatra e escritor Roberto Freire (1927-2008) com a Somaterapia. Nos anos de 1975, Regina Favre, - filósofa, psicoterapeuta corporal e responsável pela inserção do pensamento do americano Stanley Keleman no Brasil -, incluiu outras abordagens ao trabalho corporal grupal alicerçando e nomeando como Grupo de Movimento.

Favre (1997) compreende a proposta como uma atividade grupal, geradora de efeitos terapêuticos oriundos da própria apropriação do corpo, da expressão das emoções, do aprendizado em lidar com as tensões, bem como da consciência de sua existência. Desse modo, considera que o ecletismo, a criação de novos estilos de trabalho a partir do repertório que cada facilitador possui acerca de sua vivência corporal é uma característica inerente ao Grupo de Movimento.

² Utilizaremos também a sigla GM.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Com tal denominação, inicia nossa primeira questão levantada na dissertação que fundamenta este artigo (Nogueira, 2010).

Nosso percurso foi norteado por três objetivos:

- a) Uma apreciação a respeito do “estado da arte” da literatura acerca do Grupo de Movimento;
- b) A contribuição deste trabalho para a conceituação de Grupo de Movimento;
- c) Considerações no que tange à aplicação do Grupo de Movimento na área educacional.

Debruçar-se sobre esses três pontos se fez necessário na medida em que nos defrontamos com muitos trabalhos de Grupo de Movimento sendo desenvolvidos, porém com boa parte deles não sendo publicados, se comparados com a quantidade de grupos que vêm ocorrendo nas mais diversas instâncias. Observamos, ainda, que a maioria das publicações se deteve em compartilhar as experiências obtidas com a aplicação do grupo. Nesse sentido, acreditamos que nossa investigação venha a contribuir com o aprofundamento teórico sobre esse tipo de intervenção da psicologia corporal.

Método:

Partimos de uma revisão de literatura abrangendo dissertações, monografias, artigos e resumos. As publicações foram encontradas em sites científicos, institutos de formação em psicologia corporal, revistas da área, biblioteca da PUC/SP e USP, no meu acervo pessoal e no do orientador.

Sites científicos:

Sibinet (www.usp.br/sibi): consultamos bases de dados por assunto da área de ciências humanas no Eric, muse, psicodoc; acessamos o link de revistas eletrônicas e o portal de revistas USP, a partir do que os trabalhos eram encontrados no psicodoc e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

na biblioteca digital de teses e dissertações; Biblioteca Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (www.pucsp.br/biblioteca); Banco de teses e dissertações (BTD) da Universidade Federal do Espírito Santo (www.bc.ufes.br); Banco de teses e dissertações (BTD) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) – campus Rio Claro (www.rc.unesp.br); Periódicos da Capes (www.periodicos.capes.gov.br), pesquisamos nas fontes EBSCO, SCOPUS, KNOWLEDGE, THOMSON E ILLUMINA e no banco de teses Capes; Scientific Electronic Library Online – SCIELO (www.scielo.br); Google acadêmico (scholar.google.com.br); Biblioteca Virtual em Saúde da Psicologia (www.bvs-psi.org.br): com foco em publicações na área, acessamos o link Pepsic, angariando artigos por assunto e autor; Medicina Psicossomática (www.psychosomaticmedicine.org).

Sites de entidades vinculadas ao campo reichiano:

Centro Reichiano (www.centroreichiano.com.br/artigos.htm), Instituto Libertas (www.libertas.com.br), Instituto Lumen (www.institutolumen.com.br), Instituto Sedes Sapientiae (www.sedes.org.br), Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica (www.ibpb.com.br), Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética (www.analisebioenergetica.com.br), Instituto de Análise Bioenergética (www.bioenergetica.com.br).

Revistas voltadas para o pensamento reichiano:

Revista Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae, Psicologia Corporal do Centro Reichiano, Pensamento Reichiano em Revista.

A seguir apresentaremos as reflexões e indagações que emergiram de nosso estudo sobre cada aspecto que nos propomos a pesquisar.

Discussão:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

No que tange à apreciação do “estado da arte” da literatura acerca do Grupo de Movimento - primeiro objetivo que norteou nossa investigação - concluímos a revisão e análise de 26 trabalhos publicados sobre o tema, sendo sete dissertações, quatro monografias, três artigos e dezesseis resumos.

Dessa somatória tivemos:

- nove trabalhos de GM voltados às pessoas idosas;
- cinco desenvolvidos com pacientes psiquiátricos;
- três desenvolvidos com adultos em clínica particular;
- dois realizados com professores da rede pública;
- dois com adolescentes inseridos em projetos sociais;
- um com usuários de drogas em hospital-dia;
- um com agentes comunitárias de saúde em Unidade de Saúde da Família;
- um voltado para enfermeiros e técnicos de enfermagem;
- um com crianças atendidas em consultório particular;
- um destinado a gestantes.

Diante desse panorama, apreendemos que 22 experiências foram inseridas em projetos sociais, educacional ou psiquiátrica, fazendo-nos perceber que as atividades de GM não se restringem às clínicas particulares, mas estão sendo realizadas em diversas instâncias institucionais.

Em todos os estudos há indicações de contribuições positivas desencadeadas pela prática efetuada. No entanto, apesar da presença de vários trabalhos sobre o tema, notamos uma carência de estudos que problematizem essa prática grupal.

Haja vista a quantidade de resumos encontrados que representaram 53,33% do total de publicações, mostrando-nos a quantidade de produções que se detêm em relatar experiências, deflagrando a necessidade de avançarmos em pesquisas que aprofundem a análise dos resultados obtidos no fazer social.

Verificamos pouco rigor metodológico e científico em quase todos os trabalhos. Muitos pesquisadores comentaram acerca dos cuidados tomados com o que foi aplicado e dos possíveis encaminhamentos que seriam feitos se os grupos tivessem



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

continuidade, todavia, pouco se comentou acerca dos efeitos colaterais e das restrições dessa prática. Acreditamos que sendo a prática corporal algo psicologicamente mobilizante, as reações adversas também podem ocorrer, desde a formação de uma “courage secundária”³ até manifestações mais desestruturantes, dependendo da condição emocional da pessoa.

Percebemos afirmações que demandariam melhor avaliação, das quais muitas foram feitas pautadas pela observação ou por relatos subjetivos. Tal análise nos instiga a pensar em métodos mais eficazes que possam avaliar mais precisamente algumas manifestações oriundas dos encontros que nos levem realmente a afirmar que de fato elas advêm da prática corporal.

Muitas são as variáveis que compõem o contexto grupal, e houve momentos relacionados a algumas produções que nos perguntamos se os efeitos descritos realmente derivavam das atividades corporais, uma vez que os resultados alcançados podem ser em função de tantos outros fatores, como, por exemplo, ao olhar direcionado aos participantes e ao acolhimento intrínseco em uma vivência grupal.

Percebemos, ainda, a ausência de pesquisas longitudinais que pudessem ser capazes de avaliar o antes, durante e após um período da prática de GM, com o intuito de averiguar o quanto o que foi obtido durante a execução se mantém após o término, dando-nos uma posição do que realmente corresponde a resultados ou a efeitos, dado o momento do grupo. Logo, supomos que, considerando o pouco tempo de execução de alguns grupos, se tenha alcançado efeitos que podem ser momentâneos, e não resultados propriamente ditos capazes de efetivar uma mudança consistente.

Outro ponto que gostaríamos de chamar a atenção é quanto à ausência de teorias que abarcam os trabalhos grupais. Observamos que os que tratam do assunto restringem-se a abordar apenas os grupos corporais. Fazendo-nos perguntar se essa falta se deve ao fato de o GM não ter uma conotação psicoterapêutica, embora ele possa ser trabalhado como tal, dependendo do contexto e do objetivo. Ou, ainda, se

³ Sobre esse conceito consultar Boyesen (1986, p. 139)



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRIA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

essa ausência refere-se à pouca importância que os facilitadores atribuem à análise grupal com embasamentos teóricos que não sejam da abordagem corporal.

Essa dúvida também nos conduz a pensar sobre a formação de um psicoterapeuta que se propõe a trabalhar com grupos. Weigand (2005), em sua dissertação, evoca essa questão apontando que o facilitador de grupo deve conhecer as características do trabalho por meio da própria experiência de aprendiz, tendo, portanto, passado pela experiência grupal durante a formação e conduzido grupos de colegas sob supervisão. Além disso, indica a importância da empatia e da afetividade, que devem permear o trabalho sem perder a clareza de pensamento diante de uma situação de cargas energéticas e intensidade emocional elevadas, preocupando-se em adequar os exercícios para cada contexto, cuidando para não extrapolar os limites de exposição pessoal e de mobilização emocional e energética.

Entendemos que tais afirmações são imprescindíveis ao trabalho de coordenador de grupo e acreditamos que possivelmente tal condução venha sendo assim efetivada nas formações de psicoterapeutas corporais. Todavia, considerando a quantidade de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos com grupos, acreditamos que se faz necessário repensar sobre a grade curricular dos cursos de psicoterapia reichiana e neorreichiana, entendendo que não basta apenas conhecer as técnicas e a teoria de abordagem corporal, mas adquirir uma formação voltada para atuação em psicoterapia grupal, a fim de compreender, ampliar a visão e os estudos do arcabouço teórico que permeia uma prática grupal.

Em contrapartida, reconhecemos que a partir do que foi levantado nos estudos, a formação do vínculo necessário para que o grupo aconteça esteve presente em muitos trabalhos apresentados. Supomos que essa variável seja porventura decorrente do método de experienciar o que se aplica, ou seja, vivenciar a prática de GM antes de partir para sua aplicação, bem como de todos os *workshops* aos quais o estudante de psicoterapia corporal deve se submeter, proporcionando a ele cuidado e qualidade na relação com o outro.

Tais atribuições, cuidado e qualidade, conduzem-nos a pensar também sobre o papel do facilitador. Entre os trabalhos que levantamos, pudemos perceber que houve



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

aqueles em que o coordenador teve a preocupação de servir como modelo (Rasch, 2005). Houve outros que o psicoterapeuta não assumia essa função (Bromberg, 1986; Mendes 2008). Favre (2001) demonstrou em seus relatos que em alguns momentos o condutor do grupo se empresta a este como forma de espelho, ajudando-os, a partir dos sentimentos emergidos, a visualizá-los na forma do corpo do outro. Em todos esses casos vimos que os papéis assumidos foram pertinentes à clientela atendida.

Lowen e Lowen (1985) concebem que o facilitador, ao participar ativamente do grupo, deve servir de exemplo aos participantes, sem perder a observação necessária direcionada ao grupo, bem como graduar os exercícios de acordo com a possibilidade de cada indivíduo.

Notamos que em todos os estudos o número de sessões variou em cada um deles. Embora Gama e Rego (1986) sugiram um número mínimo de oito sessões, Cañizares (2002) entende que ele também deve se enquadrar à necessidade da clientela. A duração de cada sessão em boa parte dos trabalhos se deu entre 90 e 120 minutos. Todos enfatizaram o compartilhamento verbal da experiência ao final de cada encontro, sendo este, portanto, constituído por aquecimento, desenvolvimento e fechamento com verbalizações.

Lowen e Lowen (1985) propõem a homogeneidade dos grupos e a necessidade de uma investigação do histórico de saúde de cada pessoa, mesmo acreditando que se os exercícios forem aplicados corretamente não represente nenhum perigo. De acordo com as experiências reladas, temos que a homogeneidade foi respeitada, no entanto, quanto à investigação do quadro de saúde, esta foi evidenciada nas dissertações, mas a maioria dos demais trabalhos não apontou para esse dado.

Com todo o acervo pesquisado e analisado, concebemos que muito se tem avançado em termos de publicações no universo reichiano (Matthiesen, 2007), todavia ainda há maior valorização da prática e pouca exigência quanto ao aprofundamento teórico e metodológico. Observamos nos congressos ocorridos durante o desenvolvimento desta investigação, que a quantidade de fazeres ainda é superior às de práticas pesquisadas.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

O segundo ponto que muito nos inquietou foi o termo “Movimento”, segundo objetivo da pesquisa, levando-nos a perguntar como podemos nos apossar de uma denominação tão abrangente, visto que pode ser usada para outras atividades corporais que de certa forma buscam objetivos semelhantes aos do Grupo de Movimento?

Ao longo do nosso estudo analisamos diversas concepções de “Movimento”, passando por Reich, pelo construtivismo semiótico-cultural e pela filosofia. Diante de tais abordagens entendemos que a adoção desse conceito é cabível para essa prática corporal grupal dentro do que ela se propõe a trabalhar, mas ainda assim questionamos se não a torna pouco específica.

Encontramos na revisão de literatura trabalhos realizados que não se intitulam como Grupo de Movimento, a própria Favre, desde 1990 denomina seu trabalho “Grupo de Movimento Somático-Existencial” e Sandra Sofiati, psicoterapeuta corporal e uma das responsáveis pela inserção do Grupo de Movimento no Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo⁴, o reconhece como Corpo Sonoro. Ambos carregam os mesmos objetivos do Grupo de Movimento, porém apresentam alterações metodológicas e teóricas que foram se consolidando em suas práticas.

Dessa forma, observamos pouca uniformização na nomeação dessa prática corporal grupal, conhecida no Brasil como Grupo de Movimento, desenvolvida por psicoterapeutas corporais, influenciado pelas concepções de Reich acerca da relação corpo e mente. Sustenta-se pelas técnicas, exercícios e fundamentações teóricas das diversas escolas de Psicoterapia Neorreichiana (Bioenergética, Biossíntese, Biodinâmica, Psicologia Formativa etc.). A partir destas, mescla-se com modalidades de trabalho direcionadas ao corpo, podendo ser por meio da dança, teatro, canto, Educação Física, eutonia, biodança, expressão corporal e outras adaptadas às

⁴ Instituição de ensino, conhecida como Sedes, que há mais de 30 anos oferece na cidade de São Paulo cursos de pós graduação *lato sensu* nas áreas de saúde mental, educação e filosofia.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

finalidades da proposta e à formação do profissional responsável pelo grupo (Gama e Rego, 1996).

Tal formato nos leva a entendê-lo como um sistema aberto, interdisciplinar, uma vez que abre espaço para entrada de práticas corporais que se atrelem ao objetivo do grupo.

Ante essas considerações, talvez seja necessária uma denominação que realmente consiga identificar melhor o GM, considerando os postulados teóricos que o fundamentam e que assim os diferencie dos demais trabalhos grupais, pois até o presente momento, qualquer prática corporal que busque a mobilização interna das pessoas pode ser considerada um GM, a começar pelas técnicas de dança respaldadas, por exemplo, por Klauss Vianna, Rudolf Laban e Ivaldo Bertazzo e tantos outros que ajudam a compor o repertório de uma vivência de GM.

Nesse sentido, pensando em outra denominação, quiçá pudéssemos seguir a sugestão dada por Wagner (2009) acerca de uma psicoterapia corporal, a qual para ele poderia ser mais bem definida como “terapia psicorporal”, argumentando: “Essa expressão contempla o acontecer clínico (no qual a terapia significa tratamento) e explicita que psique e soma formam uma unidade funcional, portanto, psicorporal” (Wagner, 2009, p. 157).

Tratando-se de grupo, adotaríamos a mesma denominação, mostrando assim de onde deriva tal proposta, podendo ser chamado de Grupo Psicorporal, ou até mesmo de Grupo de Movimento Psicorporal, que por meio dos recursos adotados para se trabalhar as múltiplas linguagens corporais, teria o movimento do corpo em contato com o do outro e com o do grupo como tentativa de descrystalizar as couraças, ajudando as pessoas a se conectar com o movimento interno e assim criar outros movimentos, ou na visão kelemaniana, outras formas.

Nosso terceiro objetivo diz respeito à possível aplicação do GM na área educacional.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

A noção de educação que adotamos transcende às práticas escolares, à educação formal, mas aproxima-se do que Franco Cambi entende como sendo o objetivo central da educação: “desenvolvimento de personalidades autenticamente humanas” (Cambi, 1999, p. 643).

Pautando-se pela ótica desse autor, com base na revisão de literatura que fizemos, consideramos que o GM se estrutura como uma prática social que não tem como foco a obtenção de um conhecimento formal, e sim o crescimento pessoal, contribuindo, portanto, com a educação atrelada ao desenvolvimento humano. Por esse viés, compreendemos que essa educação no sentido mais amplo esteve presente direta ou indiretamente em todos os trabalhos.

Desse modo, parece-nos que as palavras centrais que permeiam essa possibilidade são “aprender” e “resgatar conteúdos aprendidos”, presentes em todos os grupos desenvolvidos com idosos, crianças, portadores de doenças psiquiátricas, dependentes químicos etc.

Quanto a esse aspecto Gama e Rego consideram que a proposta de um GM assume um papel educativo, na medida em que “há um aprendizado de possibilidades, de caminhos. Assimilam-se informações sobre si e os outros. Formam-se hábitos novos. Expande-se a consciência” (Gama e Rego, 1996, pp.18-19).

Tal consideração relaciona-se à autopercepção, ao aprender a sentir o próprio corpo, capacidade muitas vezes perdidas no decorrer do desenvolvimento humano, dada a negação ou até mesmo o automatismo corporal que a cultura nos impõe.

Aprender a lidar com o *stress* diário, as tensões musculares e a cuidar mais de si, além de novos jeitos de estar nas relações, colocando mais limites – resultados obtidos em experiências relatadas⁵ -, refere-se a uma variável que também pode ser articulada com a educação geradora de um desenvolvimento pessoal.

⁵ Na dissertação que deu origem a este artigo, localizamos cada uma das variáveis especificando de que forma os trabalhos se vincularam à noção de educação aqui defendida.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Contudo, todos os trabalhos analisados ao longo de nossa investigação nos fez perceber que o GM se mostra como um potencial instrumento de contribuição à área educacional. Todavia, muitos movimentos científicos precisam ser feitos no sentido de fortalecê-lo enquanto tal: repensar sobre os critérios de avaliação dos seus resultados; considerar elementos que constituem uma prática grupal, seja ela psicoterapêutica ou terapêutica; aprofundar discussões acerca de sua identidade, vislumbrando uma denominação que possa melhor definir e legitimar o seu propósito.

REFERÊNCIAS:

- BOYESEN, G. **Entre Psiquê e Soma: Introdução à Psicologia Biodinâmica.** (2ª ed., B. Sidou, trad.). São Paulo: Summus, 1986.
- BROMBERG, M.H.P.F. **A função terapêutica do trabalho corporal: o ponto de vista psicológico.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1986.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia.** (Álvaro Lorencini, trad.). São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CAÑIZARES, P. N. **Grupos de Movimento: Uma nova tecnologia em Promoção da Saúde e Autocuidado para Pessoas Idosas.** Trabalho de conclusão de curso, Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica, São Paulo, 2002. Recuperado em 15 de março de 2008, de http://www.ibpb.com.br/?page_id=146
- FAVRE, R. Grupo de Movimento Somático-Existencial. **In Revista Reichiana**, 6, pp. 7-14. Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 1997.
- FAVRE, R. Pesquisando a aplicabilidade do método do Grupo de Movimento Somático-Existencial a um pequeno grupo de pacientes psicóticos do Hospital-Dia da Faculdade Paulista de Medicina. **In Revista Reichiana**, 10, pp. 67-87. Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 2001.
- GAMA, M. E. R., & REGO, R. A. **Grupos de Movimento: consciência e expressão de si através do corpo.** In. R. A. Rego (org.) **Cadernos Reichianos 1** (2ª ed.). Instituto Sedes Sapientiae: São Paulo, 1996.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

LOWEN, A., & LOWEN, L. **Exercícios de Bioenergética.** Ágora: São Paulo, 1985.

MATTHIESEN, S. Q. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento.** Annablume: São Paulo, 2007.

MENDES, M. F. **Movimentos Antiestresse: A vida na terceira idade.** Trabalho apresentado no Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro, Convenção Brasil/Latino América, XII, VII, II. Curitiba/PR, 2008. Resumo recuperado em 16 de março de 2009. Anais do Centro Reichiano: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais%202008/Marisa%20Ferreira%20Mendes.pdf>.

NOGUEIRA, T. A. **Grupo de Movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010.

RASCH, S. S. **Viajantes em busca de saídas: o grupo de movimento como uma possível rota terapêutica para usuários de álcool e de outras drogas.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005. Recuperado em agosto de 2010, de http://www.btdt.ufes.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=324.

SAIDON, O. et al. **Práticas Grupais.** Rio de Janeiro: Campus, 1983.

WAGNER, C. M. Reich e a terapia psicorporal. In: **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas.** P. Albertini e L. V. Freitas (Orgs.), (pp. 148-157). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

WEIGAND, O. **Grounding na Análise Bioenergética: Uma proposta de atualização.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

AUTORES

TÂNIA ALVES NOGUEIRA / Curitiba / PR / Brasil – (CRP – 08/19351): Psicoterapeuta corporal neorreichiana, mestre em psicologia escolar e desenvolvimento humano pelo Instituto de Psicologia da USP, arte educadora em



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOGUEIRA, Tânia Alves; ALBERTINI, Paulo. Grupo de movimento: conceituação, estado da arte e aplicação na área educacional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

dança. Atualmente atende em consultório particular, ministra aulas de dança-educação para crianças e Grupo de Movimento para adultos.

E-mail: tanmomidi@iq.com.br

PAULO ALBERTINI: Professor doutor no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).